

Patrocínio

INUSITTÁ AMBIENTES
PLANEJADOS
SUA CASA *by* VOCÊ MESMO
www.inusitta.com.br



www.fontegrafica.com.br

Simplicidade é um negócio complicado. A gente vê isso no TG (Trabalho de Graduação) ou TFG. Tem aluno que komplykha aquilo que pouco depois será uma rotina na vida profissional como Arquiteto e faz do projeto um drama digno de Shakespeare... se ele fosse Arquiteto e não tivesse lido este livro.

O livro é pioneiro e aparece com décadas de atraso. É fruto da vivência do autor como orientador e membro de bancas de exame em muitos TG. Acredito que ele possa livrar o leitor de muitas noites sem dormir, além de ser mais saudável e eficiente do que aqueles comprimidos farmacêuticos, com a vantagem de ter uma dimensão arquitetônica que não cabe nas farmácias.

Gildo Montenegro.

ISBN 978-85-910499-0-5



9 788591 049905

Bráulio Vinícius Ferreira

fim dapicada



CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Bráulio Vinícius Ferreira

fimdapicada

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

1ª Edição - 2ª reimpressão.

Fonte Gráfica e Editora Ltda.

Bráulio Vinícius Ferreira
Texto

Iracides Quixabeira
Revisão

Bráulio Vinícius Ferreira
Ilustrações

Albérico Nogueira Lustosa Neto
Diagramação e Design Gráfico

Bráulio Vinícius Ferreira
Albérico Nogueira Lustosa Neto
Capa

www.blogdobraulio.com
braulio.arq@hotmail.com
www.twitter.com/brauliovinicius
62 9241 3227

ISBN 978-85-910499-0-5



agradecimentos

Impossível dar um passo nessa vida sozinho, por isso quero expressar meus agradecimentos a todos que ajudaram, palpitararam, incentivaram e criticaram.

À Keyla, companheira que sempre me incentiva a realizar minhas idéias, até as mais mirabolantes.

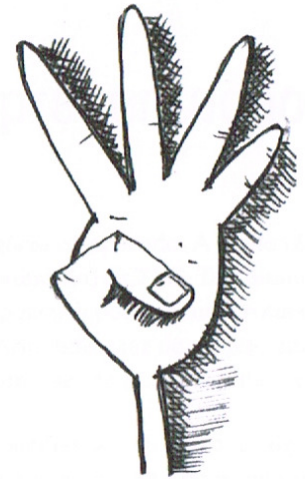
Ao Pedro, meu filho, pelos desenhos criativos que motivam e emocionam a minha vida.

Ao Gildo Montenegro, o primeiro a dar a idéia de uma publicação, pela revisão atenta, dicas, sugestões e apresentação deste livro.

Ao Albérico, pelo incentivo e concepção do design gráfico do livro.

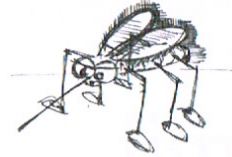
Aos colegas professores Antônio Manuel C. P. Fernandes, Dirceu Lima da Trindade e Fernando Camargo Chapadeiro, pela leitura atenta e por muitas colaborações.

Ao saudoso Jefferson Anselmo de Oliveira,
amigo, irmão, arquiteto e professor.



sumário

07	Apresentação
12	1.Definições
14	2.Origens
18	3.Para começo de conversa
20	4.0 tema
22	5.0 texto
30	6.Os painéis
34	7.As bancas examinadoras
38	8.Para encerrar
40	Referências



apresentação

Simplicidade é um negócio complicado. A gente vê isso no TG (Trabalho de Graduação) ou TFG. Tem aluno que komplykha aquilo que pouco depois será uma rotina na vida profissional como Arquiteto e faz do projeto um drama digno de Shakespeare... se ele fosse Arquiteto e não tivesse lido este livro.

Para evitar situações similares, este livro é algo como um manual de sobrevivência na selva do primeiro projeto. Dicas simples e óbvias, ao lado de outras esquecidas com freqüência, são aqui catalogadas para evitar pedras no caminho. Claro que pedras fazem parte da construção, porém convém evitar que caiam na cabeça, ainda que com capacete como recomendam as normas de segurança.

O livro é pioneiro e aparece com décadas de atraso. É fruto da vivência do autor como orientador e membro de bancas de exame em muitos TG. Acredito que ele possa livrar o leitor de muitas noites sem dormir, além de ser mais saudável e eficiente do que aqueles comprimidos farmacêuticos, com a vantagem de ter uma dimensão arquitetônica que não cabe nas farmácias.

Gildo Montenegro.

fimdapicada

A expressão é conhecida com o sentido de fim da linha, ou como o que é difícil de ser suportado. Espero que a experiência do Trabalho final do Curso de Arquitetura e Urbanismo não seja o Fim da Picada para você que é estudante. Mãos à obra, rumo ao fim do começo.

Bráulio Vinícius Ferreira

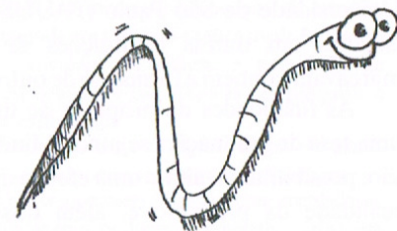


1. Definições

Certas definições são necessárias. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), também chamado de Trabalho de Graduação ou Trabalho Final de Graduação, é um tipo de trabalho acadêmico amplamente utilizado no ensino superior como forma de avaliar os graduandos concluintes do curso. O objetivo é sempre observar, nesta avaliação, a diversidade dos aspectos de sua formação universitária.

Em alguns cursos superiores esse trabalho é um critério final de avaliação do aluno, pois em caso de

reprovação há um impedimento de obtenção do diploma e o conseqüente adiamento do exercício da profissão. O formato e os critérios de avaliação do TCC, assim como sua nomenclatura, variam de acordo com cada instituição, mas normalmente há uma apresentação perante uma banca examinadora.



2.Origens

Muito embora alguns estudantes acreditem que seu último trabalho tenha sido uma invenção do demônio, os primeiros sinais do que temos hoje como Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo surgiram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em meados da década de 1960, com o nome de “trabalho-tese”.

Em 1968, os professores João Batista Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha apresentaram uma proposta de Tese de Graduação para a formação dos

estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Experiências isoladas em outras instituições de ensino superior marcavam também a formação de outros arquitetos.

As finalidades da proposta de um trabalho ou de uma tese de graduação, segundo Minoru Naruto (2007), são: possibilitar ao aluno uma efetiva aproximação com a realidade da profissão e, além disso, oferecer-lhe a oportunidade de realizar uma síntese final do curso, como uma experiência de transição entre a escola e a vida profissional.

Em 1994, as diretrizes curriculares estabeleceram a primeira regulamentação dos trabalhos finais de graduação no Brasil. O artigo 6º define bem o seu teor:

Art. 6º - Será exigido um Trabalho Final de Graduação objetivando avaliar as condições de qualificação do formando para acesso ao exercício profissional. Constitui-se em trabalho individual, de livre escolha do aluno, relacionado com as atribuições profissionais, a ser realizado ao final do curso e após a integralização das matérias do currículo mínimo. Será desenvolvido com o apoio de professor orientador escolhido pelo estudante entre os professores arquitetos e urbanistas dos departamentos do curso e submetido a uma banca de avaliação com participação externa à Instituição à qual estudante e orientador pertencam. (CEAU/SESU/MEC, 1994, p. 2).

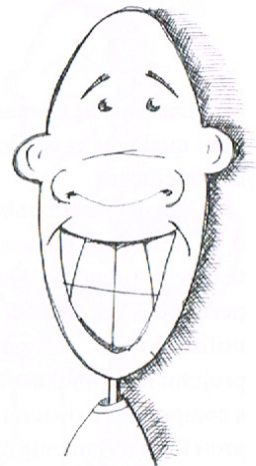
As diretrizes curriculares de 2006 alteraram a denominação Trabalho Final de Graduação para Trabalho de Curso:

Art. 9º O Trabalho de Curso é componente curricular obrigatório e realizado ao longo do último ano de estudos, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional, como atividade de síntese e integração de conhecimento, e consolidação das técnicas de pesquisa e observará os seguintes preceitos:

- a) trabalho individual, com tema de livre escolha do aluno, obrigatoriamente relacionado com as atribuições profissionais;
- b) desenvolvimento sob a supervisão de professores orientadores, escolhidos pelo estudante entre os docentes arquitetos e urbanistas do curso;
- c) avaliação por uma comissão que inclui, obrigatoriamente, a participação de arquiteto(s) e urbanista(s) não pertencente(s) à própria instituição de ensino, cabendo ao examinando a defesa do mesmo perante essa comissão.

Parágrafo único. A instituição deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismo de avaliação, além das diretrizes e técnicas relacionadas com sua elaboração. (CEAU/SESU/MEC, 2006, p. 3).

Trabalho final de graduação, ou trabalho de graduação, ou ainda, de acordo com as diretrizes curriculares de 2006, Trabalho de Curso (como se os outros não o fossem), este é o último trabalho acadêmico que o estudante vai desenvolver na universidade. Não importa muito a sigla: TFGR, TG, TCC, TC. Para não gerar uma confusão, neste pequeno ensaio vamos chamá-lo de TRABALHO DE CURSO ou, simplesmente, TC.



3. Para começo de conversa

A idéia deste texto surgiu em uma das orientações de trabalho de curso da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Durante as orientações falávamos das incoerências e dos equívocos das pranchas de apresentação do TC, bem como de outros aspectos observados em outras apresentações.

Depois de várias participações em bancas de trabalhos de curso, penso ser oportuno registrar, de forma organizada, observações pertinentes ao TC. É importante destacar que este texto não é, e nem pretende

ser, uma espécie de manual de apresentação de projetos, nem qualquer coisa do gênero. Aqui são feitas apenas considerações.

Vale lembrar também que, em algumas instituições, o TC tem duas formas de apresentação obrigatórias: o texto e as pranchas. Outras formas de apresentação são permitidas na defesa pública do trabalho, como a utilização de recursos audiovisuais (retroprojetor, projetor multimídia, televisão, etc.). O objetivo é facilitar a compreensão do tema ou do problema, do terreno e do projeto propriamente dito.

O TC não é um trabalho escolar, não é uma disciplina ou matéria escolar, é, sim, a atividade final do curso. Ele é, ao mesmo tempo, o último trabalho acadêmico e o primeiro trabalho profissional. Essa afirmação se apóia no fato de que a atividade é desenvolvida pelo aluno ao longo de um ano, durante o qual ele escolhe a temática, o tema, o objeto e faz a escolha do local/terreno; elabora o programa; faz o pré-dimensionamento, os estudos preliminares e o anteprojeto acompanhado de uma memória justificativa ou descritiva. Faz tudo isso sozinho, ou melhor, acompanhado apenas pelo orientador. É claro que ele deverá buscar outras orientações dentro do quadro de professores da escola, mas a responsabilidade é do aluno, que, por meio desta atividade, se qualifica para a vida profissional. Obviamente, isso não é pouca coisa.



4. O tema

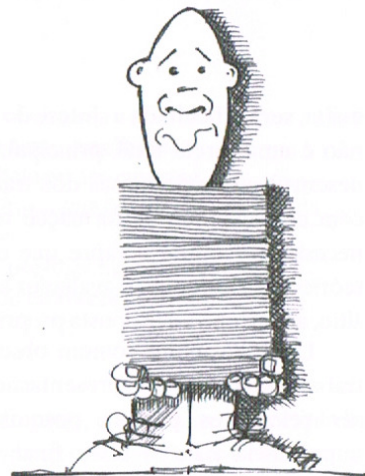
Algumas faculdades estabelecem como critério de avaliação a relevância do tema. Os estudantes muitas vezes confundem relevância com complexidade. E complexidade com grandiosidade. Há propostas que são complexas e nem por isso são relevantes. É necessário encontrar um meio termo.

Cuidado com a escolha do tema. O objetivo do TC não é surpreender com um tema novo, ao contrário, existem temas bem antigos que ainda merecem nossa

atenção como arquitetos e urbanistas. Cuidado para não escolher algo que na vida profissional só se viabilizaria com uma equipe de profissionais qualificados atuando em conjunto. Procure desenvolver temáticas sobre as quais você tenha domínio.

Olhe à sua volta, veja se há algo que desperte seu interesse e que resulte em um trabalho de certa complexidade, capaz de comprovar seus conhecimentos e sua capacidade de formular um problema e propor uma solução. Muitos são craques em apresentar problemas, mas a solução carece de uma proposição espacial e tectônica digna do trabalho de curso.

Cuidado com a exagerada simplicidade temática. Já vi temas de complexidade mediana serem apresentados com tanto desleixo que projetos simples se tornaram complicados desnecessariamente. Temas que você desenvolveu ao longo de sua formação podem voltar como um trabalho final de graduação. Saiba, porém, que se desenvolver um projeto mais simples a banca certamente terá maiores expectativas acerca das soluções tecnológicas, do desenho, do detalhamento, etc.



5. O texto

A parte escrita do TC tem como objetivo apresentar, de forma clara e concisa, todos os elementos que envolvem o projeto. O texto e a pesquisa teórica servem para esclarecer, orientar e justificar as proposições do projeto. A pesquisa é, portanto, apenas um dos itens necessários à realização do projeto, e apenas isso. Não é uma monografia ou o desenvolvimento teórico de um tema.

Uma pesquisa teórica que dê suporte ao tema do projeto não pode ser um trabalho muito extenso porque,

assim, será dificultada a síntese do trabalho. Esta síntese não é uma tarefa fácil, principalmente se o estudante desenvolveu as pesquisas dos trabalhos teóricos junto com as disciplinas de formação teórica. No entanto, é necessário lembrar sempre que o objetivo do volume teórico do TC é situar o avaliador em relação ao tema, ao sítio, ao terreno e à proposta propriamente dita.

Um erro muito comum observado nos textos dos trabalhos de curso é a apresentação de dados que podem ser relevantes para a pesquisa, mas têm pouca importância para o texto final. É importante saber separar essas informações. Há dados que não revelam nada para o leitor comum, mas para o pesquisador são informações importantíssimas. A interpretação dos dados pelo pesquisador é mais relevante que a simples transcrição de textos. Neste caso será conveniente separar tais informações para um anexo. Uma pasta organizada com pesquisas, cópias de textos, alguns croquis, mapas e fotos é uma ferramenta fundamental para o início das atividades do estudante.

Para a síntese, alguns tópicos podem e devem ser bastante resumidos. Sugiro, então, que o estudante faça a montagem de um sumário que norteará a construção de seu texto. Evitar sumários extensos e concentrar no fundamental a ser informado para o leitor é o primeiro passo para a produção de um texto mais conciso. Aqui está uma sugestão:

1. Introdução
2. A temática e o tema escolhido
3. O objeto: edifício ou área urbana
2. O terreno, o sítio, a quadra ou área escolhida
3. Estudo de caso
4. O programa – pré-dimensionamento;
5. As diretrizes de intervenção urbana
6. A proposta
7. O projeto

Na introdução do texto, o estudante deve explicitar seus objetivos, o primeiro parágrafo tem essa função. Perguntas como: “o que é?”, “quando?” “Por quê?”, “Para quê?”, “Para quem?” orientam o texto para a síntese desejada e o autor não corre o risco de aprofundar em assuntos que são desnecessários neste momento da apresentação.

O item terreno deve ser apresentado de forma bastante clara e concisa, de tal modo que essa apresentação seja também uma justificativa de sua escolha. Especial atenção deve ser dada ao entorno do terreno; fotos, mapas e outros recursos podem situar melhor o avaliador.

Todas as informações físicas acerca do terreno devem ser evidenciadas: topografia; insolação; rede de água, esgoto e energia elétrica; iluminação pública; transporte público; principais vias de acesso; etc.

O estudo de caso é um importante instrumento para o conhecimento do tema, uma vez que prepara a montagem

do programa de necessidades. Estudar um caso semelhante, observando as decisões tomadas em relação aos principais elementos do projeto ou do planejamento, é o objetivo do estudo de caso.

Para alguns temas, a tarefa de encontrar um único edifício com todas as características programático-conceituais é bem complicada. Pode-se recorrer a um conjunto de dois ou três casos que reunidos apresentem informações importantes para o projeto.

Para o edifício, as questões relacionadas a implantação, acessos, setorização, estrutura, tecnologia, topografia, soluções funcionais, circulação, dimensionamento de ambientes, volumetria, formas e materiais utilizados devem nortear o estudo de caso. Assim, espera-se que, no estudo de caso, o estudante consiga sintetizar as principais características do edifício que tem como tema e programa a semelhança com seu TC.

No caso de desenho urbano, intervenção e projeto urbano, outros aspectos devem ser analisados, tendo como referência a proximidade temática do exemplo analisado.

O erro inicial em estudos de caso é a simples análise descritiva com base em uma leitura do material encontrado. Outro erro é a falta de apropriação das informações colhidas no estudo de caso. Uma situação mais do que comum é o estudante escolher um tema, realizar um estudo de caso, colher bons exemplos e depois não utilizar esses elementos na formulação de proposta.

O programa de necessidades é o resultado da

aproximação do tema proposto pelo estudante, por meio de leituras, consulta à legislação, visitas, entrevistas e do próprio estudo de caso. Para o edifício, o primeiro passo é fazer uma lista de ambientes já separados em setores. O segundo é elaborar um pré-dimensionamento com base nas informações levantadas tanto no estudo de caso como nas visitas feitas.

Uma boa forma de organizar e apresentar esses dados é pela confecção de um quadro síntese. Este instrumento não é importante apenas para a apresentação, mas também facilita a consulta do autor do projeto durante o desenvolvimento de seu trabalho. Detalhes como os equipamentos e mobiliários, o número de usuários e a permanência nos ambientes ajudam a organizar informações detalhadas que são importantes para o projeto.

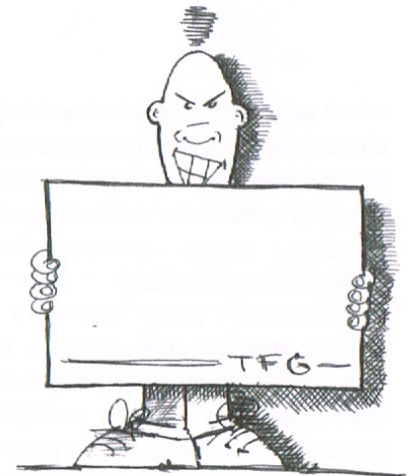
Uma vez encontrada uma medida aproximada da área proposta, o início do projeto é escolha de cada um. Alguns optam por trabalhar com maquetes físicas, croquis, desenhos, maquetes eletrônicas; outros escolhem um método mais tradicional: diagramas de setorização e fisio-fluxograma. Seja qual for a sua opção, lembre-se de que o projeto é a escolha de um caminho a ser percorrido. Seria uma incoerência afirmar que só existe uma forma de desenvolvimento da proposta. Saiba que seu papel no TC é apresentar seu projeto dentro de um processo razoável de construção.

Para aqueles que vão escolher o método tradicional,

não custa lembrar que a setorização é a organização dos setores do programa e das relações que se podem estabelecer entre eles. Já o fisio-fluxograma trata da relação dos ambientes no terreno do projeto ou na área da intervenção urbana. No fisio-fluxograma, as questões funcionais (relação entre ambientes, acesso, segurança, etc.), físicas (topografia, insolação, ventos dominantes) e conceituais devem ser objeto de estudo. A proposta preliminar desses condicionantes é o objetivo do fisio-fluxograma.

Por último, deve-se apresentar, no texto, a proposta. Uma dúvida muito comum entre os estudantes é o que apresentar nesta proposta. A resposta é simples – tudo o que favoreça uma melhor compreensão do projeto por parte da banca examinadora. O objetivo da banca é contribuir para o aperfeiçoamento de seu trabalho, portanto o projeto deve ser apresentado da melhor maneira possível. Pode ser uma implantação bem elaborada e também plantas, cortes, perspectivas, maquetes, animações, enfim, tudo o que for possível apresentar. Desenhos em formatos diversos e maneira variadas de apresentar, tais como croquis, fotos, perspectivas, maquetes virtuais, sem estar amarrado à obrigação pragmática de planta/corte/fachada, são recursos válidos. Concordamos que a legibilidade do desenho é obrigação de todo arquiteto e urbanista, mas não custa lembrar que especial atenção deve ser dada à

sua clareza. Informações ilegíveis e representações equivocadas prejudicam o entendimento da proposta e, conseqüentemente, sua avaliação.



6. Os painéis

A comunicação dos projetos nos painéis é, muitas vezes, uma forma ingrata de apresentar os projetos de graduação, pois a maioria das propostas tem certa complexidade programática e projetual. A consequência desta complexidade é a exigência de uma representação gráfica proporcional, ou seja, plantas, cortes e maquetes de elaborada apresentação gráfica.

Tornar essas informações legíveis para quem as examina é uma tarefa difícil de realizar.

A meu ver, o painel é adequado para a comunicação em uma exposição e não em uma banca. Ele serve como suporte para a apresentação, é um meio e não o fim. O painel-prancha não é um suporte cenográfico, o estudante estará apresentando um projeto de Arquitetura/Urbanismo.

Portanto, o painel deve ter a proposta projetual como o principal elemento a ser apresentado. Textos extensos com letras bastante reduzidas não ajudam na compreensão da proposta e desperdiçam um espaço nobre para a comunicação do projeto. Cores fortes nas margens podem chamar mais a atenção do que o projeto. Um bom projeto gráfico da prancha deve levar em consideração as informações textuais e gráficas e a relação entre elas. Elementos gráficos como “fundo” dos painéis devem ser evitados. Cuidado com as fotos, pois é comum a tonalidade de impressão não corresponder à configuração do arquivo, ficando muitas vezes prejudicada em razão da qualidade da impressora e da tinta utilizada.

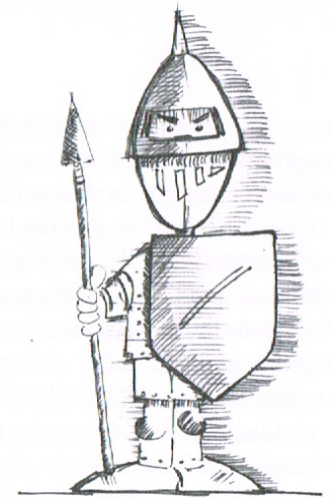
A escolha do papel a ser impresso também é fundamental. Teste-o previamente, se não tiver tempo, não invente, vá pelas experiências já realizadas ao longo da formação. Não é o momento de experimentar outras possibilidades, assim estará apenas acrescentando tensões desnecessárias. Além disso, é provável que só o autor perceba que o material foi impresso no papel “fulano de tal”. Nunca é demais lembrar que, quando for

possível, essas impressões devem ser feitas com muita antecedência; evitar o estresse da fila nas empresas de impressão é sempre bom. Não deixe a impressão para o último momento, isso pode pôr em risco até mesmo sua apresentação.

A maioria dos cursos de Arquitetura e Urbanismo adota o formato que o Prêmio Ópera Prima institucionalizou: o formato A1. Para um melhor aproveitamento do espaço da prancha e identificação do estudante e do trabalho, sugiro um retângulo que acompanhe o maior sentido da prancha A1, com uma altura de 10cm. Neste retângulo você deve dar destaque às seguintes informações:

1. Título de seu trabalho
2. Universidade
3. Curso de Arquitetura e Urbanismo
4. Seu nome
5. Nome do Orientador
6. Período de realização
7. Numeração de pranchas

Em alguns cursos essas informações são padronizadas e seguem os critérios estabelecidos pelo corpo docente. Sendo assim, verifique todas as normas para não cometer equívocos simples.



7. As bancas examinadoras

A banca é um instrumento de avaliação do trabalho realizado. O número de integrantes e sua forma de atuação variam de acordo com cada instituição, mas, em todas elas, o aluno apresenta seu trabalho de curso a uma banca examinadora que tem a participação de um arquiteto e urbanista avaliador sem vínculo com a instituição de ensino. Cabe ao estudante a defesa do trabalho perante a banca.

Lembre-se de que é uma defesa pública, portanto requer grande responsabilidade de todos os envolvidos.

Ser avaliado não é fácil. Há a tensão da apresentação verbal e do projeto, que se acentua ainda mais quando a avaliação é pública. Diferenças de temperamento e personalidade podem alterar o comportamento do autor ante a banca de avaliação. Pessoas que são tranquilas podem ficar nervosas e quem é nervoso pode ficar mais nervoso ainda. É a exposição que incomoda, mas é importante lembrar que a apresentação verbal não é objeto de avaliação. Quando o estudante realiza bem essa tarefa, a banca pode até elogiar sua tranquilidade e objetividade na exposição, mas este aspecto nunca pode ser objeto de avaliação do trabalho de curso. Quando o estudante está nervoso demais, é dever da banca sugerir que respire fundo, relaxe e até mesmo que beba um pouco de água, deixando claro que o seu desempenho verbal não é objeto de avaliação. É bastante comum o examinado apresentar nervosismo nos primeiros minutos, depois a tensão inicial passa e consegue se expressar com muita tranquilidade e em seu ritmo normal.

Para evitar atropelos na apresentação, sugiro que o estudante estabeleça junto com o orientador a seqüência de assuntos que deverão ser apresentados à banca. Este é o momento de expor suas justificativas. Não recomendo a leitura do texto que foi produzido nas etapas anteriores, antes que aproveite a oportunidade para apresentar o projeto dando ênfase aos resultados alcançados e ao processo de trabalho

desenvolvido com seu orientador. O roteiro evita que o estudante, em virtude de seu natural nervosismo, faça comentários que prejudiquem a compreensão do projeto, comprometendo, assim, a avaliação.

Na apresentação à banca, o estudante pode utilizar outros recursos visuais: retroprojeter, projetor multimídia, vídeos, maquetes físicas, entretanto é sempre bom ter um plano “B” na manga. Se o retroprojeter “pifar”, ou o CD não abrir? Convém não depender exclusivamente desses suportes.

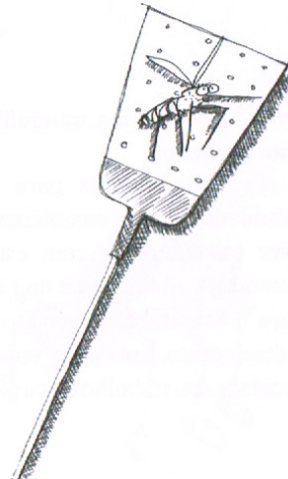
Ao utilizar qualquer recurso, o estudante pode ampliar sua apresentação e também evidenciar o processo. O projeto em arquitetura e urbanismo é um processo em desenvolvimento. É uma escolha de alternativas. É importante mostrar esse processo. Lembre-se de que sua fala é direcionada para os examinadores da banca e não para o público presente.

Uma das apresentações mais interessantes que já avalei tinha como objetivo mostrar o processo de desenvolvimento da idéia do projeto. A exposição do estudante foi, na verdade, a apresentação verbal do memorial do projeto e teve como suporte visual a projeção dos croquis desenvolvidos ao longo dos meses de trabalho. Ao final da apresentação, o estudante não só havia conseguido apresentar bem o projeto como também explicitara as justificativas durante a exposição do processo.

Procure conhecer o calendário das

apresentações dos TCs de sua escola, assista algumas delas para conhecer a seqüência dos atos e adaptá-la à sua apresentação.

No dia em que for apresentar seu trabalho, chegue com antecedência ao local e observe o arranjo das mesas, assim você terá tempo suficiente para montar sua apresentação e pensar em outras possibilidades caso seja necessário.



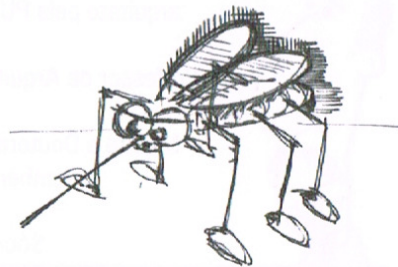
8. Para encerrar

Faça um planejamento global que inclua o texto, os painéis e a apresentação, detalhando tudo que você deseja realizar. Depois avalie o conjunto de acordo com suas possibilidades e características pessoais. Não hesite em eliminar ou modificar qualquer item que possa trazer algum problema para a apresentação de seu trabalho.

Estabeleça um cronograma real e ajustado com seu orientador, tente cumpri-lo com rigor; só assim você terá condições de cumprir todas as etapas: a produção do texto e dos painéis e a exposição verbal diante da banca

com o equilíbrio e a tranqüilidade que são necessários neste momento.

Faça o possível para se apresentar à banca examinadora com a consciência tranqüila, sabendo que o dever foi cumprido com esmero, responsabilidade e conteúdo. Lembre-se de que é você quem conhece mais sobre o seu trabalho-projeto. Com a segurança desse conhecimento, apresente com entusiasmo, convicção e felicidade seu trabalho de curso.



referências

CEAU/SESU/MEC. Ensino de Arquitetura e Urbanismo: condições e diretrizes. Brasília: MEC, 1994.

CEAU/SESU/MEC. Ensino de Arquitetura e Urbanismo: condições e diretrizes. Brasília: MEC, 2006.

NARUTO, Minoru. Questionamento da Disciplinaridade do Ateliê como Fundamento para a Discussão da Formação do Arquiteto. In: SEMINÁRIO ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA FAU-USP. Anais... São Paulo, 2007.



Bráulio Vinícius Ferreira,
arquiteto pela PUC GOIÁS em 1995.

Professor de Arquitetura e Urbanismo

Mestre e Doutorando em Educação,
também pela PUC GOIÁS.

Sócio da Zebra Design.

O Autor

APOIO



ZEBRA
DESIGN

mkt.com
CONSULTORIA | MARKETING | VENDAS



www.eliseuborges.com
Analista de Sistemas